



Um dos livros de Helena Ribeiro foi adotado este ano por 58 colégios

ENSINO

O milagre educativo da prata da casa

Cristina Ávila

Da equipe do **Correio**

Em Santa Luzia, hoje chamada Luziânia, um fazendeiro devoto de Santo Antônio resolveu construir uma igreja para homenageá-lo. O padre levou a imagem para abençoar o novo altar. Quando o religioso foi embora, carregou o santo, deixando o povo entristecido. Um dia soube-se que uma imagem havia sumido da Igreja do Rosário, acabaram descobrindo que aparecera na igreja da fazenda. Várias vezes o padre foi buscá-lo, mas não adiantou. Santo Antônio sumia e era sempre descoberto no mesmo local. Assim nasceu o nome da cidade: Santo Antônio do Descoberto.

Essa é uma das historinhas que a professora Helena Maria Ribeiro, 49 anos, conta em seus quatro livros sobre o Distrito Federal e cidades do Entorno. Sua vida de escritora aconteceu quase por acaso. E deu tão certo que há um ano ela montou uma editora, a Fábrica do Livro. "Se o material for confiável, de qualidade, dá para ganhar dinheiro", admite. Ela é

formada em História e Pedagogia pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (Ceub) e também é artista plástica.

Helena diz que um dos motivos que a levaram a escrever sobre o Distrito Federal são os erros que costuma encontrar, até em publicações oficiais, sobre Brasília. O mais comum é confundir a cidade com o Distrito Federal. Brasília é apenas o Plano Piloto.

Outra razão para escrever é valorizar as cidades do Distrito Federal, divulgando sua história. "Muitas vezes, as crianças nascem em Ceilândia e dizem que nasceram em Brasília. Fazem isso porque Brasília tem história e a sua cidade não tem referencial. Elas precisam aprender para valorizar o lugar onde vivem."

LIVROS ESCOLARES

Para contar a origem de cada lugar, Helena fez diversas pesquisas, conversou com pioneiros. Descobriu, por exemplo, que o Gama tem esse nome por causa de um padre, Luiz da Gama Mendonça. Sobradinho é porque um casal de joões-de-barro fez

uma casinha sobre a outra, na cruz fincada por fazendeiros da região. Ceilândia vem de CEI, Comissão de Erradicação de Invasões.

O primeiro livro da professora Helena foi lançado em 1993, o *Atlas Escolar do Distrito Federal*, escrito, em dois anos, quando Helena era coordenadora da Divisão de Ensino Fundamental da Fundação Educacional. Os outros foram produções independentes. Tirou dinheiro do bolso e investiu no que acreditava. A professora tem duas obras que estão na gráfica. Uma é a lenda do Lago Paranoá, uma história em quadrinhos.

Seu maior sucesso de vendas até agora é *Um Candanguinho conhecendo o Distrito Federal*. Concluído no final de 1995, no ano seguinte foi adotado pelo Instituto de Ensino Integral (Inei). Em 1997, Helena conseguiu inclui-lo no currículo de oito colégios. E neste ano está nas mochilas de alunos da 3ª série do 1º grau de 58 escolas.

PAIXÃO À PRIMEIRA VISTA

A primeira vez que esteve em Brasília, visitando um tio em 1965, Hele-

na apaixonou-se pela cidade. Embora estivesse impressionada com a poeira e os barracos de tábua com antenas de televisão, em Taguatinga. Três anos depois, veio morar na capital, vinda de Patos de Minas (MG). Foi fazer o Normal, como era chamado na época o curso que formava professores.

Desde abril do ano passado, Helena está aposentada. Mas não consegue "ficar quieta", como ela mesma diz. A professora já fez de tudo um pouco. Quando chegou à capital aprendeu a ser cabeleireira. Quando viaja a Minas leva tesouras para cortar os cabelos de toda a família. Também sabe consertar aparelhos eletrodomésticos. Teve de estudar durante 18 meses para montar um curso de eletricitista na Fundação Educacional.

A professora é persistente. "Aprendi a fazer esculturas em sabonetes, faço criancinhas com cabelos cacheados. A primeira vez quebrei o braço da menina; a segunda, o pescocinho. Mas aprendi".

SERVIÇO

Fábrica do Livro — 347-7313 e 912-9843